

# abpi.empauta.com

Associação Brasileira da Propriedade Intelectual  
Clipping da imprensa

*Brasília, 07 de janeiro de 2019 às 08h17*  
*Seleção de Notícias*

China usa recursos públicos para criar celeiro de start-ups .....	3
ECONOMIA	

# China usa recursos públicos para criar celeiro de start-ups

ECONOMIA



Negócios criados a partir de ideias inovadoras contam com fundos estatais e até com uma cidade criada no leste do país

JOÃO SORIMA NETO

HANGZHOU, CHINA

A China iniciou uma corrida para se tornar o maior celeiro de novas empresas do setor de tecnologia do mundo e superar o Vale do Silício, nos Estados Unidos. A meta ambiciosa causa preocupação nos EUA - e explica em parte por que o governo de Donald Trump iniciou uma guerra comercial com os chineses. Nos últimos anos, a China já criou 160

Negócios criados a partir de ideias inovadoras contam com fundos estatais e até com uma cidade criada no leste do país

JOÃO SORIMA NETO

HANGZHOU, CHINA

A China iniciou uma corrida para se tornar o maior celeiro de novas empresas do setor de tecnologia do mundo e superar o Vale do Silício, nos Estados Unidos. A meta ambiciosa causa preocupação nos EUA - e explica em parte por que o governo de Donald Trump iniciou uma guerra comercial com os chineses. Nos últimos anos, a China já criou 160 unicórnios, como são chamadas as start-ups que

introduziram ideias inovadoras, receberam investimentos bilionários e hoje valem mais de US\$ 1 bilhão. Por trás disso está uma cultura empreendedora em desenvolvimento na China, com a ajuda do governo. Milhares de start-ups chinesas estão saindo do papel com o sonho de trilhar o caminho do primeiro bilhão.

Na corrida digital e tecnológica, os EUA seguem isolados na liderança, com gigantes como Apple, Google, Microsoft, Amazon, Facebook e Uber - todas empresas que brotaram num ambiente de livre mercado. Agora, os chineses querem encurtar a distância que os separam dos americanos baseados num modelo com forte intervenção estatal.

O Estado chinês monta incubadoras, cria fundos de investimentos e estabelece metas ambiciosas para a inovação. Para o consultor John Lin, sócio da consultoria EBDS em Xangai, os chineses querem abandonar de vez a imagem de um país que copia tecnologia dos outros, violando **patentes**. No fim do ano passado, o governo chinês deu mais um passo nessa direção e estabeleceu punições severas para quem for acusado de roubar **propriedade intelectual**.

Entre os unicórnios chineses há empresas como a Ant Financial, braço financeiro do grupo Alibaba, gigante de comércio eletrônico, com valor de mercado de US\$ 150 bilhões, ou a Didi, concorrente local do Uber, que vale US\$50 bilhões.

- Só para comparação, o Brasil tem apenas quatro unicórnios: 99Táxi, Nubank, Netshoes e Movile, dona do aplicativo iFood. E a 99, por sinal, tornou-se um unicórnio com a injeção do capital chinês da Didi - lembra Ricardo Geromel, um dos sócios da StartSe, uma empresa de educação que promove missões de brasileiros para conhecer as novidades tecnológicas

Continuação: China usa recursos públicos para criar celeiro de start-ups

na China.

## CIDADE PARA BOAS IDEIAS

Na cidade de Hangzhou, no leste da China, sede do grupo Alibaba e onde nasceu seu fundador, o empresário Jack Ma, uma espécie de Steve Jobs chinês, foi criada em 2015, com apoio do governo, a Dream Town (Cidade do Sonho), um paraíso para empreendedores. Numa área de três quilômetros quadrados, onde antes funcionavam galpões de grãos, foi instalada uma "fábrica" de start-ups. Com incentivo fiscal e milhões de dólares para investir, o governo chinês quer atrair cérebros para - sejam eles locais ou estrangeiros - e financia a aceleração de empresas de base tecnológica.

Na dinastia Song, que governou a China entre os anos 960 e 1279, Hangzhou foi palco de grandes avanços nas artes, literatura e tecnologia. O desejo dos comunistas é repetir um novo ciclo virtuoso agora digital - a partir dali.

- Desde a fundação, há três anos, mais de quatro mil start-ups já passaram por aqui. Pelo menos 1.200 já cresceram e se mudaram para outros lugares. Atualmente, são 1.600 start-ups instaladas na Dream Town e cerca de 15 mil jovens trabalhando para que elas cresçam - conta Anran Feng, que faz parte do comitê que administra a aceleradora.

Logo após a fundação, a Dream Town selecionava pelo menos quatro novos projetos por mês para se integrar a esse ecossistema de inovação. Agora, esse número vai diminuir porque praticamente todo o espaço está ocupado. O interesse em estabelecer uma start-up na cidade se explica pela grande oferta de recursos financeiros disponíveis. O governo chinês mantém um fundo de investimento com US\$ 70 milhões, mas há outros 1.300 fundos privados com bilhões de dólares em caixa dispostos a aplicar em boas ideias.

Além do espaço físico, as start-ups selecionadas para

fincar sua bandeira na Dream Town podem usar uma nuvem de dados por três anos sem pagar nada. A Lingville, uma das empresas da aceleradora, tem sistemas de inteligência artificial que fazem tradução simultânea e são capazes de reconhecer milhares de idiomas, com 94% de acerto.

- Já fechamos uma parceria com a IBM para ser a única empresa na China a usar o sistema Watson, de reconhecimento de idiomas conta Candy Zhang, gerente de negócios da Lingville.

## BRASILEIROS SE AVENTURAM

Mesmo para empresas que já estão estabelecidas no ambiente de negócios chinês, Hangzhou é uma das cidades mais atraentes. Lucas Rondez, fundador da Nihub, uma empresa que ajuda empreendedores a entrar na China, observa que ali existem recursos para investimento, os impostos são mais baixos e até mesmo o aluguel da sede da empresa é subsidiado pelo governo.

- Hangzhou tem os melhores empreendedores. Xangai é mais cara e não tem os incentivos que recebemos por aqui - conta Rondez, que nasceu na Suíça.

Até mesmo brasileiros estão se arriscando na corrida tecnológica em curso na China. O engenheiro de software Erick Moura e seus sócios Augusto Teixeira e Diego Nehab, do Instituto de Matemática Pura e Aplicada (Impa), do Rio de Janeiro, fundaram a Cartesi, uma empresa que quer dar escala ao blockchain, a tecnologia por trás de criptomoedas como o bitcoin. O blockchain é uma espécie de "livro contábil" onde ficam registrados vários tipos de transações - entre elas a de compra e venda de bitcoins - espalhados por vários computadores.

- Mas o blockchain é lento, por isso tem problema de escala e é de difícil aceitação. Criamos uma plataforma que traduz os dados do blockchain e é mais rápida - explica Moura.

Continuação: China usa recursos públicos para criar celeiro de start-ups

A ideia dos brasileiros chamou a atenção da China-accelerator, braço chinês da aceleradora de start-ups e investidora americana SOSV, e a Cartesi se tornou um dos empreendimentos em aceleração pelo grupo em Xangai. Já fez duas rodadas de captações de recursos e obteve US\$ 250 mil. Na aceleradora, a Cartesi conta com o apoio de 600 mentores e tem acesso a uma rede de empresas interessadas em aplicar essa tecnologia em problemas reais.

(\*O repórter viajou a convite da StartSe)

unicórnios, como são chamadas as start-ups que introduziram ideias inovadoras, receberam investimentos bilionários e hoje valem mais de US\$ 1 bilhão. Por trás disso está uma cultura empreendedora em desenvolvimento na China, com a ajuda do governo. Milhares de start-ups chinesas estão saindo do papel com o sonho de trilhar o caminho do primeiro bilhão.

Na corrida digital e tecnológica, os EUA seguem isolados na liderança, com gigantes como Apple, Google, Microsoft, Amazon, Facebook e Uber - todas empresas que brotaram num ambiente de livre mercado. Agora, os chineses querem encurtar a distância que os separa dos americanos baseados num modelo com forte intervenção estatal.

O Estado chinês monta incubadoras, cria fundos de investimentos e estabelece metas ambiciosas para a inovação. Para o consultor John Lin, sócio da consultoria EBDS em Xangai, os chineses querem abandonar de vez a imagem de um país que copia tecnologia dos outros, violando **patentes**. No fim do ano passado, o governo chinês deu mais um passo nessa direção e estabeleceu punições severas para quem for acusado de roubar **propriedade intelectual**.

Entre os unicórnios chineses há empresas como a Ant Financial, braço financeiro do grupo Alibaba, gigante de comércio eletrônico, com valor de mercado de US\$ 150 bilhões, ou a Didi, concorrente local do

Uber, que vale US\$50 bilhões.

- Só para comparação, o Brasil tem apenas quatro unicórnios: 99Táxi, Nubank, Netshoes e Movile, dona do aplicativo iFood. E a 99, por sinal, tornou-se um unicórnio com a injeção do capital chinês da Didi - lembra Ricardo Geromel, um dos sócios da StartSe, uma empresa de educação que promove missões de brasileiros para conhecer as novidades tecnológicas na China.

## CIDADE PARA BOAS IDEIAS

Na cidade de Hangzhou, no leste da China, sede do grupo Alibaba e onde nasceu seu fundador, o empresário Jack Ma, uma espécie de Steve Jobs chinês, foi criada em 2015, com apoio do governo, a Dream Town (Cidade do Sonho), um paraíso para empreendedores. Numa área de três quilômetros quadrados, onde antes funcionavam galpões de grãos, foi instalada uma "fábrica" de start-ups. Com incentivo fiscal e milhões de dólares para investir, o governo chinês quer atrair cérebros para - sejam eles locais ou estrangeiros - e financia a aceleração de empresas de base tecnológica.

Na dinastia Song, que governou a China entre os anos 960 e 1279, Hangzhou foi palco de grandes avanços nas artes, literatura e tecnologia. O desejo dos comunistas é repetir um novo ciclo virtuoso agora digital - a partir dali.

- Desde a fundação, há três anos, mais de quatro mil start-ups já passaram por aqui. Pelo menos 1.200 já cresceram e se mudaram para outros lugares. Atualmente, são 1.600 start-ups instaladas na Dream Town e cerca de 15 mil jovens trabalhando para que elas cresçam - conta Anran Feng, que faz parte do comitê que administra a aceleradora.

Logo após a fundação, a Dream Town selecionava pelo menos quatro novos projetos por mês para se integrarem a esse ecossistema de inovação. Agora, esse número vai diminuir porque praticamente todo o es-

Continuação: China usa recursos públicos para criar celeiro de start-ups

paço está ocupado. O interesse em estabelecer uma start-up na cidade se explica pela grande oferta de recursos financeiros disponíveis. O governo chinês mantém um fundo de investimento com US\$ 70 milhões, mas há outros 1.300 fundos privados com bilhões de dólares em caixa dispostos a aplicar em boas ideias.

Além do espaço físico, as start-ups selecionadas para fincar sua bandeira na Dream Town podem usar uma nuvem de dados por três anos sem pagar nada. A Lingville, uma das empresas da aceleradora, tem sistemas de inteligência artificial que fazem tradução simultânea e são capazes de reconhecer milhares de idiomas, com 94% de acerto.

- Já fechamos uma parceria com a IBM para ser a única empresa na China a usar o sistema Watson, de reconhecimento de idiomas conta Candy Zhang, gerente de negócios da Lingville.

## BRASILEIROS SE AVENTURAM

Mesmo para empresas que já estão estabelecidas no ambiente de negócios chinês, Hangzhou é uma das cidades mais atraentes. Lucas Rondez, fundador da Nihub, uma empresa que ajuda empreendedores a entrar na China, observa que ali existem recursos para investimento, os impostos são mais baixos e até mesmo o aluguel da sede da empresa é subsidiado pelo governo.

- Hangzhou tem os melhores empreendedores. Xangai é mais cara e não tem os incentivos que recebemos

por aqui - conta Rondez, que nasceu na Suíça.

Até mesmo brasileiros estão se arriscando na corrida tecnológica em curso na China. O engenheiro de software Erick Moura e seus sócios Augusto Teixeira e Diego Nehab, do Instituto de Matemática Pura e Aplicada (Impa), do Rio de Janeiro, fundaram a Cartesi, uma empresa que quer dar escala ao blockchain, a tecnologia por trás de criptomoedas como o bitcoin. O blockchain é uma espécie de "livro contábil" onde ficam registrados vários tipos de transações - entre elas a de compra e venda de bitcoins - espalhados por vários computadores.

- Mas o blockchain é lento, por isso tem problema de escala e é de difícil aceitação. Criamos uma plataforma que traduz os dados do blockchain e é mais rápida - explica Moura.

A ideia dos brasileiros chamou a atenção da China-accelerator, braço chinês da aceleradora de start-ups e investidora americana SOSV, e a Cartesi se tornou um dos empreendimentos em aceleração pelo grupo em Xangai. Já fez duas rodadas de captações de recursos e obteve US\$ 250 mil. Na aceleradora, a Cartesi conta com o apoio de 600 mentores e tem acesso a uma rede de empresas interessadas em aplicar essa tecnologia em problemas reais.

(\*O repórter viajou a convite da StartSe)

## Índice remissivo de assuntos

**Propriedade Intelectual**

3

**Patentes**

3